

## Lugares de memória, memórias de mulheres...

Janine Gomes da Silva

**RESUMO:** Este artigo toma para objeto de reflexão questões relacionadas ao patrimônio cultural e as transformações ocorridas na cidade de Joinville/SC, no decorrer do século XX. A partir da perspectiva da categoria de gênero na análise histórica, estamos problematizando, com o aporte da metodologia da história oral, memórias femininas sobre histórias de diferentes lugares, instituições, períodos e práticas cotidianas vivenciadas na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade; Patrimônio cultural; Memórias femininas.

**ABSTRACT:** This article reflects about the cultural patrimony and the changes occurred in the city of Joinville/SC during the 20th century. Assuming the perspective of the gender category in the historical analysis, we are problematizing, with support of the oral history methodology, female memories about histories of different places, institutions, periods and daily practices lived in the city.

**KEYWORDS:** City; Cultural patrimony; Female memories.

Em que cidade está contida uma cidade que não existe mais, ou melhor, dizendo, que ainda existe “quase intacta” apenas na memória de homens e mulheres que ainda tentam redesenhá-la – com as cores de antigamente e uma cartografia que a imaginária urbana contemporânea não mais visibiliza... Muitas vezes, as narrativas sobre como era a cidade no tempo de antigamente, contém marcas individuais e sensibilidades únicas, e assim, “A cidade torna-se uma desconhecida, pois muitos novos bairros são agregados e a cada dia novos edifícios sobem ou descem em sua paisagem. Trata-se sempre de uma nova cidade”.<sup>1</sup> Mas, buscar perscrutar esta cidade de outrora, no caso a cidade de Joinville, localizada na região nordeste de Santa Catarina, não significa buscar uma “cidade morta/que desapareceu”, mas explorar uma cidade “trabalhada qualitativamente”, como diria Ecléa Bosi, pelas lembranças dos velhos que permitem, a um só tempo, a memória da cidade e as suas memórias.<sup>2</sup> E, conhecer esta cidade, e neste caso estou me referindo as transformações ocorridas ao longo do século XX, especialmente a partir da década de 1950, é compreender que a memória, como aponta Cristina Freire, em um trabalho sobre o imaginário urbano contemporâneo, “elabora-se a partir da ausência, e com o pé fincado no presente, volta-se para frente. Nesse terreno, as mais aparentemente insignificantes lembranças são artigos de valor, sendo necessárias guarda-las com cuidado, sabendo do risco que se corre com a perda desse que é nosso mais valioso e invisível patrimônio”.<sup>3</sup> Essas questões estão me acompanhando nos últimos tempos, especialmente pelas pesquisas relacionadas com memória feminina e patrimônio cultural em Joinville.<sup>4</sup>

Esta outra cartografia da cidade, de certa maneira, já me foi apresentada por diferentes pessoas em um outro momento, mas lá eu não estava atenta a estas questões, elas não eram, para a pesquisadora, as reminiscências que mais interessavam. Neste sentido, cabe apontar como as questões ligadas à metodologia da história oral são importantes para situar diferentes pesquisas, mesmo que todas elas trabalhem com esta metodologia. Em anos anteriores preoquei-me com a dinâmica da narrativa oral para trabalhar com histórias referentes à participação feminina na construção da cidade, a partir de processo migratório, principalmente com imigrantes alemães, a partir de 1851, data oficial da fundação da cidade.<sup>5</sup> Posteriormente, atenta a maneira como as comemorações relativas ao centenário da cidade, em 1951, buscaram fortalecer os laços com uma história pretérita, do tempo da colonização e dos imigrantes “pioneiros”, trabalhei também com a metodologia da história oral na perspectiva de evidenciar algumas memórias femininas.<sup>6</sup>

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. E-mail: janine.gomes@univille.net. Destaca-se que algumas das reflexões presentes neste texto foram apresentadas na mesa redonda “Gênero e Memória”, no IV Encontro Regional Sul de História Oral – Cultura, Identidades e Memórias, realizado em Florianópolis em 2007.

<sup>1</sup> FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC; Annablume, 1997. p. 165-166.

<sup>2</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>3</sup> FREIRE, C. Op. cit. p. 45.

<sup>4</sup> SILVA, Janine Gomes da (Coord.); FONTOURA, Arselle de Andrade da; MORAES, Taíza Mara Rauén. “Memórias da cidade, narrativas femininas, práticas de mulheres: outros olhares para o patrimônio cultural de Joinville”, projeto de pesquisa financiado pelo FAP/UNIVILLE.

<sup>5</sup> SILVA, Janine Gomes da. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: UNIVILLE, 2004.

<sup>6</sup> SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. Florianópolis, 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

Atualmente, enveredando para os estudos relacionados a patrimônio cultural, antigas falas emergem - "Ah! Naquele tempo era assim..." ou "O que lembro daquela época..." - principiando narrativas de novos enredos. Mas agora, não é um fato - uma comemoração ou o processo migratório - que são tematizados nas entrevistas. Princípios da entrevista deixando claro que é sobre a cidade e "seus lugares" que gostaríamos de iniciar a pesquisa/entrevista/"conversa". De maneira geral, propor "lugares", já é desde o início uma escolha, um ponto de partida para trabalhar com a memória. E assim, ao perguntarem sobre que lugares podem ou devem falar, dizemos que sobre aqueles que para elas são mais significativos ao lembrar da cidade. No decorrer da entrevista, perguntamos sobre outros espaços, monumentos, ruas, etc. Mas, de certa maneira, o início da entrevista é marcado pela escolha da entrevistada. E, falo em escolha, pois, as narrativas orais também pressupõem escolhas. Ainda, cabe destacar a importância de refletir sobre os procedimentos úteis, pois, de acordo com Yara Aun Houry, "*Situando cada narrativa na pessoa que a constrói e expressa, tendemos a observar, de maneira ampla e também específica, as pessoas que escolhemos para dialogar em cada estudo (...)*".<sup>7</sup> Ainda, sobre as escolhas que são feitas, ou sobre as pessoas que são "escolhidas" para serem entrevistadas, salienta-se a perspectiva de trabalhar preferencialmente com memórias femininas, possibilitando uma escrita de história sobre a cidade com a "marca de gênero". Tal posição não se deve a uma perspectiva essencialista, apenas derivando do fato de tais memórias apresentam-se diversas, de acordo com as experiências distintas de homens e mulheres na sociedade. Destaca-se que a relação entre a história oral e a história de mulheres tem aproximações, contribuindo significativamente para os estudos históricos e, neste sentido, compartilhamos com as observações de Silvia Salvatici ao inferir sobre esta questão: "*(...) uma das mais relevantes contribuições oferecidas pelo encontro entre a história oral e a história de mulheres foi o desafio e a crítica da universalidade abstrata e neutra com a qual geralmente tendemos a identificar o ser humano. A experiência humana tem sido fragmentada em realidades múltiplas, marcadas significativamente por divisões de gênero*".<sup>8</sup>

Assim, ao pensar sobre o patrimônio cultural de Joinville e as transformações ocorridas na cidade, no decorrer do século passado, mas, principalmente, atenta à perspectiva da categoria de gênero na análise histórica, estamos problematizando, com o aporte da metodologia da história oral, memórias femininas sobre histórias de diferentes lugares, instituições, construções, períodos e práticas cotidianas vivenciadas em Joinville no decorrer do século XX, contribuindo com a formação de acervos orais e, principalmente, com a possibilidade de novas pesquisas relacionadas com o patrimônio cultural da cidade. Buscar conhecer a cidade, potencializando um olhar a partir da história das mulheres pode se constituir, de certa maneira, uma forma de compreender as "fronteiras" estabelecidas nos "espaços para homens e mulheres", ou nas práticas tidas como "de homens ou de mulheres". Michelle Perrot vem apontando, especialmente com seus estudos sobre as cidades francesas do século XIX, de como os diferentes lugares da cidade também inferem sobre as práticas, pois, "*na cidade, espaço sexuado, vão porém se deslocando, pouco a pouco, as fronteiras entre os sexos*".<sup>9</sup>

Deste modo, estamos procurando conhecer como diferentes mulheres narram as transformações ocorridas na cidade no decorrer do século XX. Ao analisar alguns aspectos e/ou histórias da cidade de Joinville, utilizando também a categoria gênero<sup>10</sup>, estamos entendendo, assim como Joan Scott e as historiadoras feministas da terceira geração<sup>11</sup> que, as experiências são relacionais e, conforme esta perspectiva "*as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser alcançada por um estudo separado*".<sup>12</sup> São histórias relacionais, mas percebendo que se diferentes experiências são entremeadas por papéis considerados "masculinos" ou "femininos" e, no ato de rememorar, as diferenças destas experiências podem se fazer presentes.

Ressaltar a importância da memória feminina significa também relativizar as múltiplas experiências vivenciadas por mulheres e que por não estarem, na maioria das vezes, inscritas na documentação em geral, apon-

<sup>7</sup> KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social, *Projeto História*, São Paulo, n. 22, jun. 2001, p.85.

<sup>8</sup> SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres, *História Oral*, São Paulo, v. 8, n. 1, jan.-jun. 2005, p. 35.

<sup>9</sup> PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998, p. 37.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

<sup>11</sup> Sobre a utilização da categoria gênero pelas historiadoras, ver: PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. *Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n. 2, p. 35-44, 1994.

<sup>12</sup> SCOTT, J. Op. cit. p. 5.

tam as suas especificidades. A partir da intertextualidade entre memória e gênero, entrecruzados pelas narrativas orais, pode-se investir numa abordagem que indaga e percebe uma “memória feminina”. Trabalhar com as narrativas de mulheres, parece-nos, portanto, um meio de “encadear experiências femininas, memória e gênero”.<sup>13</sup>

Ao situar as narrativas – que por vezes apresentam uma cartografia que não existe mais - e compreendendo estas também como um gênero específico de discurso<sup>14</sup> onde o processo da construção da narrativa é importante, toma efeito de sentido muito mais forte as palavras de Ecléa Bosi, quando menciona que “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história”.<sup>15</sup> Ou seja, são memórias sobre a cidade, mas são também memórias sobre as histórias destas mulheres e que também pertencem a uma mesma geração. Desta geração de mulheres, nascidas a mais de sessenta anos, a idéia de uma cidade que não existe mais está muito presente. Esta questão permeia as narrativas de várias mulheres que venho entrevistando, como por exemplo, a Sra. Margarida que nascida na cidade em 1923, pontua a sua narrativa com a frase “*tudo desapareceu*”.<sup>16</sup> Ao realizar a entrevista oral, ela contou de coisas, desenhou a cidade, deu cores, tirou letreiros, falou de símbolos, monumentos, práticas cotidianas e do patrimônio material da cidade. A cada lembrança, finalizava: “*tudo desapareceu!*” O tom da sua fala, os “mapas” que ia desenhando em uma folha de rascunho, a necessidade de me explicar as alterações que as ruas haviam sofrido me indicavam o tempo todo – esta Joinville não existe mais, mas ela existe, nas minhas lembranças! Lembranças que não são só suas, pois aos poucos, ela me indicava pessoas que poderiam me falar das mesmas coisas – especialmente sobre aqueles prédios derrubados com o aumento da industrialização na cidade, ocorrida principalmente a partir da década de 1970. Seus olhos arregalavam-se, espantados, pois parecia que ela mesma se dava conta de vários “desaparecimentos”, no exercício de rememorar para aquela entrevista. Muitas frases, melancólicas e saudosistas iam, aos poucos, me descortinando uma outra cidade, outros agrupamentos, outras práticas sociais. Aos poucos, comecei tomada por um encantamento, a desejar compreender aquela outra cidade... Falo de encantamento, pois é impossível deixar de pensar na atraente cidade de Zaïra, descrita por Ítalo Calvino, em *As cidades invisíveis*. Diz ele:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. (...) Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.<sup>17</sup>

A cidade de Joinville, colonizada por imigrantes no século XIX, podia ser considerada uma “cidade pacata” até mais ou menos a década de 1930, onde, de maneira geral, apresentava-se como uma “cidade germânica”. Muitas pessoas ainda falavam a língua alemã, bem como, escolas ensinavam neste idioma e instituições culturais eram marcadamente espaços dos imigrantes e de seus descendentes. Após a Campanha de Nacionalização (1938-1945) e com todos os problemas que os imigrantes e descendentes vivenciaram durante o regime autoritário de Vargas, aos poucos a cidade foi modificando as suas “feições germânicas”.<sup>18</sup> Mas foi, principalmente a partir do processo de industrialização nas décadas de 1960/1970 que a Joinville “daquele tempo” (ainda uma cidade atrelada a história da colonização) passou a assumir outras características, ou melhor dizendo, passou a abrigar novos personagens – principalmente migrantes de outros estados e do interior do estado de Santa Catarina, bem como, novos problemas, decorrentes de falta de planejamento urbano, como saneamento, moradia, etc. Nesta Joinville, as diferenças étnicas não aparecem apenas nas relações sociais entre moradores descendentes ou não dos imigrantes colonizadores, mas também nas lembranças. É bastante comum, entre os descendentes de imigrantes mais antigos, a lembrança de que a cidade, até a década

<sup>13</sup> KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memória de “histórias femininas, memórias e experiências”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 8/9, p. 343-354, 1997.

<sup>14</sup> Sobre esta questão ver, PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais, *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

<sup>15</sup> BOSI, E. Op. cit. p. 418.

<sup>16</sup> SCHULTZ, Margarida. *Entrevista concedida a Janine Gomes da Silva e Fernanda Mara Borba*. Joinville, 27 jun. 2007.

<sup>17</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 14-15.

<sup>18</sup> O período do Estado Novo e a Campanha de Nacionalização em Joinville e em Santa Catarina vêm sendo abordados por diferentes estudiosos, sob as mais variadas perspectivas de análise, ver: BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, cidade velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; BRUHNS, Katianne. *Espaços de sociabilidade e o idioma*. (A Campanha de Nacionalização em Joinville). Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina; COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: é tempo de abraçar-se. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.) *Histórias de (I)Migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2000. cap. 5, p. 162-195; CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e Normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; \_\_\_\_\_. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas; FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra*. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: UNIVALI: UFSC, 2004; e, FROTSCHER, Méri. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

de 1930 era “dividida”: do centro para o norte moravam mais “imigrantes” (de maneira geral quando falam de imigrantes fazem referência tantos aos imigrantes do século XIX, principalmente alemães e suíços, bem como, os descendentes desses) e na zona sul moravam mais os “lusobrasileiros” (grosso modo, todos os brasileiros não de origem germânica). É desta maneira que, por exemplo, Irmgard Vogelsanger, descendente de imigrantes, nascida em Joinville em 1925, rememora que quando criança morava no centro e que depois, quando foi morar na zona sul sentiu muita diferença, pois, segunda ela, os costumes dos brasileiros eram diferentes.<sup>19</sup> Suas lembranças dão conta de uma Joinville tranqüila, onde muitas das ruas centrais ainda eram de chão batido e as casas antigas davam à cidade uma feição de cidade “ordeira e bonita”. Durante a entrevista, Irmgard apresentou uma Joinville de outrora repleta de vários lugares – Escola Alemã, Tipografia Bohem, Liga de Sociedades, Clube Joinville, Igreja Luterana, Cemitério do Imigrante, Estação Ferroviária, Harmonia Lira, Sociedade Ginástica, entre outros – que tinham como referências as ruas 9 de Março, João Colin, do Príncipe, das Palmeiras, Conselheiro Mafra... A Rua do Príncipe surge sempre como um marco, é uma das principais ruas da cidade e que serve como um ponto de referência para várias entrevistadas. Deste “lugar de memória” afloram lembranças não apenas sobre o traçado da rua e as diferentes mudanças que a mesma passou, pois, por alguns períodos, teve um pedaço fechado para transforma-se em um calçadão. A Rua do Príncipe também é rememorada como lugar de encontros, das caminhadas onde moças e rapazes trocavam os primeiros olhares e dali em diante, namoros, noivados e casamentos. Lugares de memória repletos de histórias singulares, pois, falar destes lugares é também falar da memória que cada uma tem da sua vida pessoal e do que significou, por exemplo, os bailes em espaços como o Clube Joinville e a Sociedade Harmonia Lira.

Sobre aquele tempo, da Joinville de antigamente Irmgard destaca o calçamento das ruas centrais, rememora que o calçamento da Rua do Norte, atual João Colin ocorreu em 1949 – ano que nasceu sua filha. Segundo ela é impossível esquecer este fato, pois, até então tinham que conviver com o pó. Esta rua, a João Colin, continua a ser para os moradores da cidade um traçado significativo na cartografia urbana. Paralela a Rua Blumenau, é uma via importante, pois, do centro para o norte, acompanhou o desenvolvimento urbano da cidade. Num determinado tempo, antes da industrialização, era possível caminhar até o seu final e voltar como um simples passeio. A rua terminava onde hoje inicia a Avenida Santos Dumont. E “terminava mesmo”, pois, adiante parecia estar “fora” de Joinville. No presente, a cidade ampliou-se e quando passamos da João Colin para a Santos Dumont continuamos um único e mesmo trajeto. Atualmente, poucas são as residências localizadas nesta rua, prevalecendo os estabelecimentos comerciais, mais ainda hoje, quando narram sobre os principais lugares de memória da cidade, é o fato de ter abrigado algum morador que pontua a localização da narrativa. Ou seja, para se referir a um estabelecimento atual lembresse quando, mais ou menos “naquela altura”, morava a “família tal”. Nas lembranças de várias pessoas esta rua, também “lugar de memória”, é marcada pelas ausências: “Desapareceu o prédio da esquina... (...) Na esquina Tijucas com a João Colin, esse prédio ficou destruído. (...) Rua Otto Bohem pra baixo, pra João Colin aí também já tinha latoeiro, também já desapareceu”.<sup>20</sup> Assim, com prédios que desapareceram e com as residências familiares que não existem mais, a Rua João Colin apresenta-se como um lugar emblemático nas memórias de diferentes pessoas: sobrepõe-se duas imagens, a de uma “Joinville pacata”, que aos poucos presenciou o calçamento com paralelepípedo e a cidade urbanizada do começo de um novo milênio.

Aos poucos, Joinville transformou-se numa “cidade grande”, mas mantém, especialmente na região rural, várias características de um tempo pretérito (construções, modos de falar, “comidas típicas”, etc.) ainda associadas à cultura dos imigrantes. Tais características, somadas a pluralidade étnica do tempo presente, possibilitaram que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN incluísse a cidade em um projeto nacional chamado “Roteiros Nacionais de Imigração: alemães, italianos e

<sup>19</sup> VOGELSANGER, Irmgard. *Entrevista concedida a Janine Gomes da Silva*. Joinville, 03 jul. 2007.

<sup>20</sup> SCHULTZ, Margarida. Cit.

poloneses em Santa Catarina”.<sup>21</sup> Ações como esta visam e/ou devem contribuir com a revitalização de pequenas propriedades rurais da região de imigração e com o desenvolvimento do turismo cultural. E, convém lembrar que se o patrimônio cultural de uma cidade não for significativo para os seus moradores, pode tornar-se apenas um empreendimento dentro da chamada “indústria patrimonial”, tendo “efeitos perversos”.<sup>22</sup>

Assim, falar de Joinville, na perspectiva de compreender o patrimônio cultural da cidade e alguns de seus “lugares de memória”, para utilizar um conceito tão bem trabalhado por Pierre Nora<sup>23</sup>, pode ser, ao mesmo tempo, problematizar as diferentes características tangíveis (do espaço urbano e do espaço rural) e intangíveis como os modos de falar e cozinhar, especialmente dos moradores das estradas do Pico, Quiriri, Mildau, Bonita Do Oeste, entre outras, que fazem parte do distrito de Pirabeiraba, em Joinville. Lugares, que assim como o centro da cidade, vão passando por transformações... “Ah! Naquele tempo era assim...”. “Olha, na minha época aquele prédios ainda não existiam...”. “No meu tempo a cidade era diferente...”. Frases como estas são ouvidas freqüentemente por aqueles que enveredam por trabalhar com a memória e, especialmente, por aqueles que também adotam em suas pesquisas, a metodologia da história oral. Frases assim, repletas de interrupções/repetição/correções remetem a uma das questões que está muito presente nos estudos da memória, ou seja, sobre suas porosidades e lacunas. Ou ainda, como menciona Alessandro Portelli, sobre a memória “elaborada” no tempo histórico sendo um “processo ativo de criações e significações”.<sup>24</sup> Se as narrativas, por vezes, sugestionam a ausência de algo, também podem nos fazer pensar do como ainda muito pouco problematizamos o patrimônio cultural da cidade, especialmente, nos que diz respeito aos “bens de natureza imaterial”, pois, também podem ser considerados bens culturais “as formas de expressão” e “os modos de criar, fazer e viver” dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira.<sup>25</sup> Ou seja, tanto quanto os “conjuntos urbanos” ou “sítios de valor histórico”, as “artes de fazer”, como diria Michel de Certeau<sup>26</sup>, entendidas aqui como as mais variadas práticas cotidianas vivenciadas em Joinville podem ser problematizadas como importantes na compreensão do patrimônio cultural da cidade. Ainda sobre os “modos de fazer”, notadamente as práticas relacionadas à alimentação e as lidas na cozinha, possibilitam compreender “uma linguagem plural de histórias estratificadas (...) linguagens fundamentais soletradas em detalhes cotidianos”.<sup>27</sup> Em relação as memórias sobre os “lugares” da região rural emergem histórias especialmente sobre as casas antigas e suas formas de construção e a culinária. São os sabores, das antigas receitas de cuca ou do *Apfelstrudel* (uma massa doce recheada com maçãs picadas e passas) que sinalizam as primeiras referências aos “modos de fazer” que são lembrados como importantes a serem preservados na história da cidade. Estas questões ainda estão sendo analisadas, mas já sinalizam para o fato de que pensar em memórias sobre a cidade e o patrimônio cultural extrapola conhecer a o percurso físico e as edificações, pois, preservação de patrimônio cultural “*implica um processo de interpretação da cultura, como produção não apenas material como também simbólica*”<sup>28</sup> e, como menciona Raul Lody “*comida não é apenas para comer. É, inicialmente, para ser sonhada, idealizada*”.<sup>29</sup> Reside nestas observações a importância de relacionar os “lugares de memória” com as “artes de fazer”.

Se a cidade sofreu transformações, desde sua “fundação oficial” em 1851, é certo que as práticas cotidianas também foram modificadas e “as formas de expressão” e “os modos de criar, fazer e viver”, de homens e mulheres que viveram/vivem em Joinville, ao mesmo tempo, podem ser (re)significadas. Ainda, a diversidade cultural dos moradores de uma cidade que sofreu um profundo processo de industrialização pode indicar pistas para outras abordagens na discussão de memória e identidades.

A cidade mudou e mudou também a forma das pessoas se relacionarem com as suas lembranças, com o seu passado. Ao falar do centro, por exemplo, muitas pessoas associam o que deveria ser lembrado não só pela construção, por exemplo, mas pelo que significou para a cidade. Assim, Irmgard fala da Tipografia Boehm não só pela construção, mas, principal-

<sup>21</sup> *Roteiros Nacionais de Imigração: alemães, italianos e poloneses em Santa Catarina*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, abr. 2006.

<sup>22</sup> CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução Luciano Vieira Machado. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 225-232.

<sup>23</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

<sup>24</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 33.

<sup>25</sup> “Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I. as formas de expressão;  
II. os modos de criar, fazer e viver;  
III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;  
IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico [...]”. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Ática, 1989. p. 86

<sup>26</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 32.

<sup>28</sup> FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 67.

<sup>29</sup> LODY, Raul. *A mesa com Caribé: o encantamento dos sabores e das cores da Bahia*. Rio de Janeiro: SENAC, 2007, p. 18.

mente, pelo que a publicação do jornal *Kolonie-Zeitung* (Jornal da Colônia) impresso nesta casa significou para a cidade. O mencionado jornal circulou por quase oitenta anos, a partir de 1862 e encerrou suas atividades durante a Campanha de Nacionalização. Os mais antigos lembram que este periódico foi extremamente importante para a história da cidade e a Tipografia Boehm, ou melhor dizendo, o prédio que a abrigava, deveria ter sido preservado. Não se trata apenas de um periódico, mas, notadamente, um marco nas lembranças dos descendentes de imigrantes. Esta informação é mencionada por algumas entrevistadas, como por exemplo, Jutta Hagemann da Cunha.<sup>30</sup>

Ainda sobre os lugares da cidade que “mereceriam ser lembrados” Irmgard não exista em lembrar do centro, mas um “centro mais limpo e arrumado”, anterior à vinda de tantas pessoas que vieram para trabalhar, pois, “antigamente”, cada um cuidava da frente da sua casa.<sup>31</sup> Neste processo de identificação com a cidade – e com os outros, pois de acordo com estas narrativas foram os “migrantes do século XX” que mudaram Joinville – se estabelece também um olhar sobre como “os outros” cuidam da cidade. Sem ressentimentos, pelo menos não aparente, aos poucos as entrevistadas vão lembrando de um patrimônio material que deve ser preservado: diferentes clubes, prédios e ruas, como os mencionados anteriormente, deveriam ser preservados. Mas não de uma forma qualquer, onde o poder público simplesmente tomba um bem, mas, de maneira a assegurar que estes monumentos, no presente, lembrem a cidade sobre o seu passado de colonização. E é especialmente sobre este passado que a maioria das entrevistadas, quando descendentes de imigrantes, faz questão de destacar. Em relação a esta questão, podemos entender que o patrimônio apresenta-se para muitos como um esforço para preservar para as novas gerações uma memória de valorização o tempo da imigração. Temática interessante para perscrutar a cidade, pois, de fato, estas narrativas exemplificam embates entre diferentes grupos e, como menciona Marieta de Moraes Ferreira, “*indivíduos e grupos tomam posições diante dos acontecimentos e, ao fazerem isso, utilizam-se de memórias e reelaboram o passado recente*”.<sup>32</sup>

Neste sentido, visando contribuir com outros olhares para o patrimônio cultural de Joinville, estamos realizando entrevistas orais, com mulheres nascidas preferencialmente antes de 1950, de diferentes etnias e classes sociais.<sup>33</sup> As entrevistas realizadas estão abordando histórias que falam do cotidiano, dos espaços, dos lugares, dos museus, dos monumentos, das praças, dos clubes, das instituições, das “maneiras de fazer”, das práticas relacionadas à saúde, trabalho, educação, corpo, namoro, casamento, criação de filhos, abortamento, benzimento, sexualidade, fatos políticos, atividades culturais, escritas, práticas de leituras, diários, biografias e autobiografias, artesanato, entre outros. Deste modo, a perspectiva de trabalhar com práticas de memórias femininas para abordar a cidade significa positivar os olhares femininos sobre estas experiências, pois, “(...) não se pode fazer a abstração da diferença dos sexos que percorre e faz o traçado da cidade, espaço social, étnico e sexuado”.<sup>34</sup>

Lugares como clubes, ruas, igrejas, “casas se senhoras que benziam”, entre outros espaços, costumam ser lembrados pelas entrevistadas e, evidentemente, as diferenças de geração e de classe social se fazem presentes. Doraci, por exemplo, nascida em Florianópolis/SC e moradora de Joinville há vinte e cinco anos, não tem uma relação próxima com os mesmos lugares citados pelas descendentes de imigrantes. Faz referência a poucas ruas e quanto aos clubes almejados como espaços a serem preservados por outras entrevistadas, não faz nenhuma alusão: “*Saía cedo para trabalhar e não dava nem tempo de ficar olhando muito a cidade, entrava num ônibus e já entrava na casa pra trabalhar, saía de lá correndo pra pegar as crianças na creche (risos). Não dava tempo assim sabe. Hoje sim eu olho né, hoje eu olho, mas antigamente, realmente não tinha tempo*”.<sup>35</sup> Mas, mesmo não compartilhando das mesmas vivências que as outras entrevistadas, não é indiferente a temática de patrimônio cultural. Ao ser perguntada sobre esta questão responde com um sorriso no rosto:

<sup>30</sup> CUNHA, Jutta Hagemann da. *Entrevista concedida a Janine Gomes da Silva*. Joinville, 29 jun. 2007.

<sup>31</sup> VOGELSANGER, Irmgard. Cit.

<sup>32</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Oralidade e memória em projetos testemunhais. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 201.

<sup>33</sup> Destaca-se que esta pesquisa ainda não foi concluída e, neste texto, estamos apresentando apenas fragmentos de algumas entrevistas, de um total de 14 entrevistas gravadas em 2007. Todavia, as principais observações, de maneira geral, estão presentes em várias narrativas.

<sup>34</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. Tradução Viviane Vieira. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 360.

<sup>35</sup> BORGES, Doraci Julieta da Cruz. *Entrevista concedida a Janine Gomes da Silva e Taiza Mara Rauen Moraes*. Joinville, 24 ago. 2007.

Ouvi falar, é um lugar antigo, é tombado. Palavra que não sei o que é, mas é uma coisa assim, aquilo que fica prá preservar, para mostrar. (risos) (...) tombamento é uma lei que faz que o prédio não seja destruído. Então por isso que existe essa lei pra preservar o prédio. (...) E todo o edifício tombado tem que ser preservado desde as características, para manter a história.<sup>36</sup>

Em seguida, Doraci acrescenta que esta explicação, “ouviu na televisão”. Já Margarete<sup>37</sup>, mais jovem que as demais entrevistadas, nascida em 1952 e que veio para a cidade no final da década de 1960, não se identifica com os tradicionais “lugares de memória” da cidade. Além do mais, para ela, patrimônio está associado aos bens pessoais – aquilo que a pessoa tem – e não a espaços, lugares e práticas compartilhadas e registradas por outras entrevistadas. Destaca, a partir das suas memórias, outros lugares significativos da cidade, mais notadamente, da zona sul da cidade e dos seus bailes, enfatiza a Sociedade Estrela da Vila Baumer. Ainda, nas entrevistas, ouvimos histórias de lugares que “não eram bem vistos”, como por exemplo, ruas onde havia casas de prostituição ou bares, como por exemplo, o Bar *Chachote* (sic!), onde a frequência “*não era aquelas coisas!*”.<sup>38</sup>

Que a memória, ao ser filtrada no momento da entrevista, é (re)elaborada na fala já tem sido muito discutido. Mas, de qualquer forma, ao ouvirmos histórias e publicizando-as, aceitamos versões e apostamos mais em algumas interpretações. Aí reside um dos pontos de troca entre a pesquisadora e as entrevistadas, pois ao construir sua narrativa, aquele que se lembra, exercita várias operações ao mesmo tempo: divide conosco suas lembranças e angústias, omite seus desencantos medos e incertezas, multiplica versões para alguns fatos e acrescenta detalhes, engendrando perspectivas. Perspectivas que tornam experiências vivenciadas num tempo passado em verdadeiros artefatos culturais a serem “trabalhados”, como se a memória pudesse ser comparada a uma obra de arte. Aliás, é interessante a reflexão sobre a arte de lembrar, proposta por Célia Toledo Lucena, ao inferir que “*A arte de lembrar é um ato de recuperação do ‘eu’ e a história de vida é uma interpretação atual da vivência do passado.*”<sup>39</sup> Essas observações, ou o trabalho da memória entendida como uma “arte de lembrar”, deixam-nos mais sensíveis para perceber as “correções atuais” que nossas entrevistadas fazem sobre suas vivências num tempo pretérito. Ao ouvir as diferentes narrativas sobre as comemorações do Centenário, por exemplo, percebe-se que ao aflorarem dão contornos aos festejos, muitas vezes, relacionando-os à alegria em ver a cidade “unida”, pois, “*a cidade não era mais dividida entre as ruas de alemães e ruas de brasileiros, mas é a Joinville*”.<sup>40</sup> As lembranças sobre o Centenário, que afloram através da memória feminina, transborda num cenário festivo. As narrativas, que antes são baixinhas, quase confissões que não devem vir a público, são, repentinamente, ricas em detalhes que imprimem beleza, sucesso e, principalmente, harmonia na cidade.

Assim, através das entrevistas, os pormenores apresentados nas diferentes narrativas vão compondo, também, uma história das mulheres de Joinville durante o período estudado, seja sobre as histórias sobre a o período da Campanha da Nacionalização ou das Comemorações do Centenário em 1951 ou sobre “lugares de memória” destacados pelas entrevistadas no momento da realização da atual pesquisa sobre patrimônio cultural<sup>41</sup>, pois, “*como em outros domínios, a história oral, na história das mulheres, tem suscitado múltiplos debates frutíferos*”.<sup>42</sup>

Histórias sobre a cidade, mas que se mesclam a histórias muito individuais. É interessante notar que, às vezes, o detalhe que inspira lembranças mistura-se aos sabores de um outro tempo, como a deliciosa feitaura dos doces, de alguém que deixou saudades. Uma antiga empregada da família de Walta Piazero<sup>43</sup>, por exemplo, talvez não fosse lembrada no momento da entrevista, pois no encadeamento das memórias da entrevistada, sobre a Campanha de Nacionalização, aquela empregada não “se misturava” com as questões que envolviam aqueles fatos. Mas, foi ao falar “daqueles tempos” que, Walta, de repente, lembrou dos doces de sua infância: “*Tem algumas delas que eu ainda me lembro, a Batistina, parece até que eu estou vendo ela fazer*

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> MARTINS, Margarete Horn. *Entrevista concedida a Janine Gomes da Silva e Taiza Mara Rauen Moraes*. Joinville, 24 ago. 2007.

<sup>38</sup> CUNHA, Jutta Hagemann da. Cit.

<sup>39</sup> LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. p. 79.

<sup>40</sup> CUNHA, Jutta Hagemann da. Cit.

<sup>41</sup> Destaca-se que algumas das reflexões apresentadas a seguir estão presentes em minha tese de doutorado, já citada. Optei por trazer estas questões para este texto por entender que as narrativas que ouvi naquele momento se cruzam de maneira significativa com as entrevistas realizadas para o projeto de pesquisa sobre patrimônio cultural que subsidia a escritura deste texto.

<sup>42</sup> THÉBAUD, Françoise. *Écrire l'histoire de femmes.2*. ed. Fontenay-aux-Roses: ENS, 1998, p. 72.

<sup>43</sup> PIAZERA, Walta. *Entrevista concedida a Janine Gomes da Silva*. Joinville, 14 ago. e 12 set. 2000.

*aqueles sonhozinho.*” São os sabores que muitas vezes trazem ao centro das narrativas outras questões. Foi a partir da lembrança da cuca da Frau Timm que Walta lembrou de como eram os *Kraenzchen*<sup>44</sup> de que a sua mãe participava. Num primeiro momento, a empolgação de Walta ao lembrar daqueles encontros foi resumida numa frase: “Mas o que eu gostava mesmo era a cuca, *aquele docinho*”.<sup>45</sup> Na época, Walta era ainda criança e muitas vezes acompanhava sua mãe nos *Kraenzchen*:

E quando a mãe levava, eu adorava ir lá. Nas outras eu não gostava muito, elas eram mais sofisticadas. Mas ela [Frau Timm] era muito querida. (...) Faziam crochê, outras bordavam ponto de cruz, ponto cheio, a minha mãe era mais do crochê. (...) Algumas iam até cerzir meias, que cerziam as meias naquela época. (...) Então elas se reuniam, mas eu acho que era mais pra uma confraternização, aquele momento, um dia na casa de uma, outro dia na casa de outra... Cada 15 dias acho que mudava, variava. Então quando era na senhora Timm, eu adorava.<sup>46</sup>

Convém ressaltar que os *Kraenzchen* constituíam-se em importantes espaços de sociabilidades, principalmente, entre as mulheres descendentes de imigrantes, pertencentes a uma elite econômica e cultural local. Muitas vezes, foi a partir de lembranças referentes a espaços como estes que as entrevistadas lembraram de assuntos políticos, por exemplo. É interessante como as mais diferentes lembranças, sobre as mais variadas temáticas, apresentam-se, como num turvelinho, mesclando fé, sabores, afazeres.... Walta Piazero, numa narrativa tranqüila e bem encadeada mostrou-me, a partir de suas reminiscências, um mosaico de imagens que vão do político e cívico, ao sagrado e corriqueiro. Com a mesma simplicidade da “água na boca” (pelo sonhozinho) que lembrou da empregada, narrou diversos acontecimentos referentes à história da cidade, principalmente, sobre o período da Nacionalização e do Centenário.

Entendo que residem também nestes pequenos *patchwork*, que a memória nos apresenta, que podemos falar de uma memória feminina. Uma memória não a priori diferente da masculina, mas que se “forma” por experiências diferenciadas, por minúcias que as mulheres permitem ser lembradas e principalmente por ter, historicamente, nas coisas da casa o seu toque, a sua função, o seu saber fazer.... Muitas vezes, um saber fazer que resiste, se não ao tempo, às lembranças.... Walta hoje não “cerzi” mais as meias, como faziam algumas amigas de *Kraenzchen* de sua mãe. Mas, no momento da entrevista, fazia gestos<sup>47</sup>, como se, através da expressão das suas mãos fosse possível preservar um saber fazer, que não é só seu, mas que foi compartilhado com outras mulheres.

Histórias que ao tematizarem a cidade também inferem sobre as vivências das pessoas. Histórias de vida que se misturam às histórias da cidade e aos lugares de memória. São histórias sobre um passado recente da história da cidade, mas que, como já mencionou Serge Bernstein e Pierre Milza, “*não existem divagens permitindo separar uma história do passado de uma história do presente porque não há entre elas nenhuma solução de continuidade*”.<sup>48</sup>

Deste modo, as histórias sobre os lugares de memórias e a cidade de Joinville podem ser compreendidas também na relação gênero e memória. Os espaços por onde transitaram as entrevistadas em um tempo pretérito, bem como, os lugares que “não existem mais”, possibilitam diferentes olhares para a cidade de Joinville, pois de acordo com Antonio Arantes:

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de “pertencimento”. Os lugares sociais assim construídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros, como se formassem um gigantesco e harmonioso mosaico. (...) eles se superpõem, entrecruzando-se de modo complexo, formam zonas simbólicas de transição.<sup>49</sup>

<sup>44</sup> Grupo de mulheres, principalmente de descendentes de imigrantes alemães que se reúnem para conversar e/ou realizar atividades manuais. Ver, SILVA, J. G. Tensões, trabalhos e sociabilidades... Op. cit. p. 108-123.

<sup>45</sup> PIAZERO, Walta. Cit.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Sobre uma possibilidade de associar os “gestos” às narrativas das mulheres e seu “saber fazer”, ver: RÉCHIA, Karen Christine. *Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio* – SC. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina

<sup>48</sup> BERNSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. Conclusão. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philipp (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Tradução Ilka Stern Coehn. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 128.

<sup>49</sup> ARANTES, Antonio A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 106.